

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)

ESCOLA NORMAL SUPERIOR (ENS)

CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

O regionalismo na música popular amazonense: um levantamento semântico-lexical

Andreza Silva de Sá

MANAUS-AM

2018

Andreza Silva de Sá

O regionalismo na música popular amazonense: um levantamento semântico-lexical

Artigo apresentado à disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas pela aluna Andreza Silva de Sá como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Me. Jeiviane Justiniano

MANAUS-AM

2018

O regionalismo na música popular amazonense: um levantamento semântico-lexical

Andreza Silva de Sá¹
Jeiviane Justiniano²

Resumo: O trabalho tem como objetivo fazer um levantamento semântico-lexical, a fim de investigar se o regionalismo amazonense, como variação diatópica, se faz presente em músicas e bandas de cantores locais. Para isso, foram selecionadas composições musicais das bandas **Alaidenegão, Cabocrioulo, República Popular, Alderia**. Tendo como base a relação entre língua e cultura, proposta pela sociolinguística (LABOV, 2008), verificou-se que canções ligadas à cultura local mostram uma visão do povo do Amazonas sobre diferentes aspectos, ligados à história e aos costumes, à origem indígena, à vida ribeirinha. O levantamento semântico-lexical feito comprova a interligação entre léxico e cultura, revelando que o componente lexical de uma língua é a categoria que transmite de forma mais direta e rápida a memória identitária de uma sociedade. Esperamos contribuir com outros trabalhos sociolinguísticos que tomam as artes, no caso a música, como corpus de análise para o reconhecimento da diversidade sociocultural e linguística de um povo.

Palavra-chave: regionalismo; música popular amazonense; semântico-lexical.

¹ Aluna graduanda do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas

² Professora titular da Universidade do Estado do Amazonas – UEA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho tem objetivo fazer um levantamento semântico-lexical do regionalismo presente em músicas populares amazonenses, a fim de elucidar como as bandas e cantores locais concebem, por meio de sua arte, a identidade local povo do Amazonas. Para tanto, foram analisadas, na perspectiva da variação diatópica, proposta pela sociolinguística, músicas das bandas Alaidenegão, Cabocrioulo, República Popular e Alderia, todos têm o reconhecimento de artistas da região. A ideia é apresentar um panorama do léxico amazonense encontrado em músicas que abordam a temática identitária do amazonense.

Isso se torna importante na medida em que adotamos a concepção laboviana (2008) de que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber a existência de uma sem a outra. O léxico de uma língua representa de forma direta a cultura de um povo, sendo possível, por meio de um estudo de vocabulário, perceber costumes, crenças, ritos, ideologias, dentre outros.

A pesquisa surgiu, então, da seguinte problematização: será que as músicas trazem uma concepção mística da região amazônica?; Como elas abordam a identidade amazonense?; Usam expressões típicas da cultura local?; O léxico empregado na música favorecem a imagem do índio, caboclo amazonense?.

Outro aspecto importante trabalhado na pesquisa foi entender o que é Música Popular Amazonense – MPA. A definição desse termo foi retirada da dissertação de Tomás (2012) que entende a MPA destinada à população em geral, que não se qualifica como erudita. É popular porque atinge os meios de massa mais populares da região.

A metodologia da análise consistiu em fazer o levantamento do léxico presente nas músicas, analisá-las, conforme o sentido empregado no contexto musical, para, depois, construir quadros que categorizem esse léxico a partir dos seguintes aspectos: denominações referentes à região, termos que revelem a identidade amazonense, expressões próprias da região, denominações ao amazonense, valorização da cultura local. Antes, foi preciso fazer um levantamento bibliográfico sobre a relação língua e cultura, com foco no estudo do semântico-lexical.

Espera-se contribuir com os estudos sociolinguísticos da região, principalmente, com aqueles centrados na relação entre língua, cultura e identidade.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÚSICA POPULAR AMAZONENSE

O conceito de música, empregado no presente trabalho, tem como fundamento primeiro uma busca pela etimologia da palavra. Ilha (1999) a define a partir da “palavra grega *mousikós*, “musical”, “relativo às musas”, referente ao vínculo do espírito humano com qualquer forma de inspiração artística. A evolução do termo, porém, limitou-o às formas de criação estética”. A busca pela origem da palavra tem como referência o momento histórico em que a sociedade grega vivia naquela época; hoje, o conceito de música é discutido, muitas vezes, ligado diretamente ao ritmo, à melodia. Outro importante aspecto para compreender a definição desse termo é conceber a música como:

A arte de coordenar fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos. Em seus aspectos mais simples e primitivos, a música é manifestação folclórica comum a quase todas as culturas: neste caso, essencialmente anônima e apoiada na transmissão oral, espelha particularidades étnicas determinadas (ILHA, 1999, p.29).

Tal conceito de música é essencial para que se entenda o *corpus* deste trabalho, pois, considerando as particularidades socioculturais de um povo, seus costumes e seu folclore, chega-se à concepção de música popular. Sobre isso, Ilha (1999) afirma que a música folclórica poderia ser também chamada de popular, no entanto alerta que, atualmente, o termo popular está também associado a uma produção mais efêmera e comercialmente bem-sucedida que é divulgada através da indústria de entretenimento. Foi partindo das afirmações do autor que será apresentada a noção/conceito de Música Popular Amazonense (MPA).

A importância de se conceituar um estilo musical como popular amazonense torna-se necessário na medida em que se pretende trabalhar aspectos regionais do Amazonas como marca de uma identidade ou pertencimento, tendo como base a análise de músicas compostas e interpretadas por bandas e/ou cantores considerados da região. Conforme a proposta de Ilha e as reflexões sobre tal termo, a denominação de popular foi aqui assumida tendo como princípio não ser considerada música erudita, mas destinada à população geral, ou seja, a massa, de grande circulação em redes sociais, eventos nacionais e regionais, capaz de representar um pensamento das características culturais do povo do Amazonas. Para entender esses aspectos, primeiramente, será

apresentado um breve histórico da música amazonense, destacando como, ao longo do tempo, sofre não somente influências exteriores, mas também modificações internas, ocasionando alguns questionamentos, principalmente, sobre a origem: se realmente existiu ou foi apenas uma compilação de outras culturas, como ressalta alguns estudiosos da música em Manaus. Depois, será feita uma síntese das mudanças sofridas pela música ao longo do tempo na cidade manauara, e por fim apresentando o estado do Amazonas com foco em especial a cidade de Manaus.

Em Manaus, nos anos de 1960, as músicas eram divulgadas/tocadas nos balneários, conforme é detalhado no artigo *A vida musical e social em Manaus na década de 1960*³ (AFONSO et al., 2013), tendo ainda como importantes espaços de divulgação o Teatro Amazonas, os clubes dançantes da cidade, os cinemas e as rádios Baré, Difusora e Tropical. Nesse período, as rádios e os clubes, por serem de grande domínio do público, configuravam-se como os principais meios de inserção e apresentação da música amazonense. Vale destacar que algumas bandas também foram formadas nos anos 60 com influência do The Beatles, fazendo dublagem.

Nos anos de 1970, Manaus incorpora os grandes movimentos populares, “a exemplo do Tropicalismo da Bahia” (SOUZA, 2018). Com esses movimentos, nota-se grande evidência do que estava acontecendo historicamente no país: “estilos musicais brasileiros e estrangeiros ressaltam o regionalismo em suas músicas” (SOUZA, 2018). E isso influenciou muito as composições na cidade de Manaus.

No século XX, segundo Ludvig (2008), têm-se então uma presença marcante da cultura amazonense sendo diretamente influenciada pela cultura europeia, o desenvolvimento da borracha e a globalização são uma figura marcante para o que é produzido em Manaus, tanto em bares, quanto no Teatro, casas de show. Em certo aspecto é definido essa complexidade da cultura local com uma mistura de outras culturas e ideologias, dessa forma então:

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delineiam uma organização social e um sistema de conhecimentos, práticas e usos de recursos naturais, extraídos pelos índios da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes que estruturam a sua vida econômica (LUDVING, 2008, p.94)

Ludvig (2008), afirma que devido a esse encontro com outras culturas e o grande crescimento populacional “houve a destruição de muitos valores da cultura indígena e sua destribalização pelas missões e pelo processo de conversão dos gentios”

³ AFONSO, Lucyanne M., KIENEN, João Gustavo, BRANDÃO, Renato A. *A vida musical e social em Manaus na década de 1960*. Manaus, AM: UFAM. 2013.

(p.95). É importante notar que juntamente a esse cenário de desvalorização da cultura indígena, a cidade vai modificando para abranger aspectos:

A cidade dos barões da borracha não foi construída para atender o proletariado industrial da Zona Franca, nem mesmo o maciço êxodo do interior. Ela sempre quis parecer uma miniatura tropical de Paris (LUDVING, 2008, p.95-96).

Após o declínio da borracha, em 1910, inicia-se então um novo modo de fazer arte no Amazonas e não mais influenciado por costumes tipicamente europeus: “a partir de 1910, começando a fugir da tendência elitista que a música europeia trazia com seus concertos importados” (LUDVING, 2008, p. 97).

De maneira geral, a música amazonense sempre esteve ligada às condições sociais e culturais da origem indígena e da condição de vida do ribeirinho. As transformações ocorridas sempre foram mais visíveis no ritmo, no qual as raízes do povo amazonense foram sendo contadas através de diferentes estilos musicais. Como a música não é uma constante, passível de modificação ao longo dos tempos, percebe-se, por exemplo, que as bandas de origem manauara, como bandas Alaidenegão, Cabocrioulo, República Popular, tocam e cantam ritmos diversos, do rock ao samba, mas, nem por isso, deixam de ser consideradas do Amazonas pelo público que as acompanham, pois mantém, em sua base musical, o cotidiano do caboclo, do indígena, do cidadão do Amazonas.

Tal situação leva a outro conceito apresentado pelos estudiosos sobre a música do Amazonas. A respeito do conceito de MPA, Tomás (2012) afirma que esse termo está ligado diretamente a “razões puramente geográficas”, que não tem ligação com o erudito, mas sim com a população de massa.

Essa MPA pode ser apreciada nos eventos locais da cidade de Manaus, como Tacacá na Bossa (Largo São Sebastião, promovido pelo Tacacá da Gisela), Curupira Mãe do Mato (local alternativo, Av. Sete de Setembro, Centro), Espaço Cultural Muiraquitã (R. Cumucim, 100. Conjunto Petros), Ao Mirante Music Bar (Av. Padre Agostinho Caballero, 981. Santo Antônio). A importância de ressaltar esses lugares transmite a ideia de que são de fácil acesso ao público, por isso, populares.

O estado do Amazonas apresenta uma grande diversidade cultural, linguística e social. É um estado de grande extensão territorial, com 62 municípios. É também um estado de grande concentração indígena, com duas regiões, como a do Alto Solimões e a do Rio

Negro, que mantém ainda viva línguas étnicas, cultura do nativo e resistência ao domínio do branco em seus territórios. Por conta disso, a identidade do amazonense é simbolizada pela presença dessas etnias que influenciam nos costumes, na culinária e na realidade linguística do povo do Amazonas.

É importante conhecer, de modo particular, a cidade de Manaus, sendo esta a principal capital da região Norte, conhecida como a Paris dos Trópicos, Porto de Lenha, Mãe dos Deuses, Metrópole da Amazônia. Há, nessa capital, cerca de 2,1 milhões de habitantes, conforme o último censo demográfico, cerca de 1.600 igarapés, PIB aproximado de 67.066.846 mil. É a sétima cidade mais populosa do país. Seus principais pontos turísticos: Teatro Amazonas, MUSA – Museu da Amazônia, Largo São Sebastião, Ponta Negra, Parque do Mindú, Jardim Botânico, Encontro das Águas. E principais rios que passam pela cidade são Rio Negro e Rio Solimões, sendo um de cor escura e outro de cor barrenta.

2. ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

A proposta de estudar o regionalismo amazonense tendo como base a MPA permite uma análise semântico-lexical, com foco na relação entre língua e sociedade, presente nos princípios gerais da sociolinguística. Para esse subcampo da linguística, língua e sociedade estão de modo tão interligados que se torna impossível conceber uma sem considerar a outra. Segundo Mollica (2017, p. 10) “a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”, trabalhando a língua em uso em dada comunidade de fala, concebendo, por conta disso, o processo da diversidade linguística como algo natural e produto da dinâmica social de um povo.

Pode-se, então, dizer que, para a sociolinguística, a língua é produto da cultura, é reflexo da heterogeneidade social. A língua se diversifica no tempo e no espaço porque as culturas, com suas manifestações próprias e singulares, também se diversificam, marcando seu pertencimento e sua particularidade no contexto dos contatos socioculturais e linguísticos. Isso significa que, mesmo com o constante convívio e as trocas com outras culturas, cada povo, cada sociedade, consegue, por uma questão de marcar sua identidade, permanecer com suas diferenças, enfatizando seus costumes, seus ritos, suas crenças.

No aspecto da estrutura da língua, o léxico, entendido, de forma bem simples, como o conjunto de conceitos e categorias de um povo, ou seja, o seu vocabulário, é a parte da gramática em que se percebe de forma mais direta a relação entre língua e cultura. Por isso, na perspectiva da sociolinguística, a língua como símbolo cultural tem o inventário lexical como um grande aliado. Estudar o léxico é, portanto, estudar também a história do povo que a fala. A fim de trabalhar melhor essas definições linguísticas, destacar-se-á também, nesta seção, o conceito de língua, de preconceito linguístico, de comunidade de fala, de variável linguística, de identidade e cultura.

Segundo Labov (2008), língua é uma forma de comportamento social, capaz de manifestar as condições sociais dos indivíduos que a usam. Monteiro (2008), ao desenvolver essa definição laboviana, afirma que a língua não é simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas é também um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas, atuando e agindo com ou sobre elas. Essa ação, dependendo do caso, pode vir carregada de preconceitos e, na análise social da língua, de preconceito linguístico que pode afetar a pessoa, simplesmente, por um ato de julgamento que vê no interlocutor uma fala inferior, empobrecida. Na realidade, esse julgamento não considera a diversidade linguística e não compreende que a forma linguística de uma pessoa revela tanto a sua origem quanto a sua condição social. Acerca disso, Bagno (2007) alerta que é preciso respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano.

Assim, não existe o bem ou mal falar. A importância de se ressaltar esse tipo de preconceito tem como intuito mostrar que não se deve depreciar ou denegrir classes ou grupos sociais porque estes não falam conforme os princípios da gramática normativa, pois:

o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... também a gramática não é a língua (BAGNO, 1999, p. 74).

É significativo que a diversidade linguística seja preservada, já que, por meio dela, pode-se ter informação de como a população vive, de como a língua evolui no tempo, de como as pessoas em diferentes áreas geográficas e sociais apresentam termos específicos que caracterizam seus modos de vida. Ter preconceito, por exemplo, com os termos próprios de um povo para denominar ações, sentimentos, crenças, objetos, dentre

outros, é desconsiderar a riqueza cultural e sociolinguística de um povo que, em contato com outros povos, forma uma sociedade nacional. O regionalismo, termo usado nos estudos dos dialetos e falares, serve justamente para representar o que é particular de uma região, de uma localidade, enfim, a variação linguística de uma determinada área.

Para buscar entender essa diversidade regional, escolheu-se, para esta pesquisa, o levantamento semântico-lexical em músicas amazonenses, buscando compreender que vocábulos e expressões são utilizadas por músicos ou bandas da região para representar e identificar a cultura local. Concebe-se, então, que um estudo semântico-lexical apresenta algumas variantes para um mesmo termo na medida em que uma variável linguística apresenta duas ou mais formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo (MONTEIRO, 2008). Exemplificando, tem-se o seguinte: a mulher, no Amazonas, é conhecida como índia, ribeirinha, cabocla, morena cor de jambo, etc. O termo mulher é a variável e todas as formas para denominá-la são as possíveis variantes.

Essa variação linguística pode ser estudada a partir de alguns fatores, como o diatópico o qual considera a diversidade da língua nos limites físico-geográficos; o diastrático que estuda a variação linguística no aspecto social, considerando o gênero, a idade, a escolaridade, a etnia, a profissão, etc; e o diafásico que analisa a língua em uso de acordo com o contexto da enunciação, trabalhando níveis de formalidade e informalidade. Esses fatores são estudados em dada comunidade de fala, entendida por Labov (2008) como um grupo de pessoas que não falam do mesmo jeito, mas compartilham regras e normas de uso: “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas partilhadas [...]” (p. 174).

A comunidade de fala escolhida para o presente trabalho foi a comunidade amazonense e fator de análise selecionado foi o diatópico, a partir do qual se fez um levantamento semântico-lexical para evidenciar o regionalismo em músicas populares da região.

Esse estudo ainda considera outras questões que estão relacionadas ao léxico: a cultura e a identidade.

Para Sapir (1969), o léxico é um inventário no qual estão presentes as ideias, os interesses e as ocupações de uma comunidade. Esse caráter do inventário permite ao léxico refletir “[...] nitidamente o ambiente físico e social dos falantes”, ou seja, mesmo não conhecendo, por exemplo, uma tribo indígena, é possível, por meio do léxico, fazer inferências das características físicas e culturais desse grupo. O léxico é, então, o

elemento linguístico, conforme dito antes, que traduz de forma mais direta a cultura e a identidade de um povo.

A cultura, segundo Duranti (1997, p. 57), “es lo que <<otros>> tienen, lo que los hace y los mantiene diferentes, separados de nosotros”. Um estudo baseado na cultura procura entender como uma sociedade vive, quais seus costumes, hábitos, de que forma se veem e como enxergam o outro. Para Baptista (2014, p. 37):

uma das funções da cultura é permitir a adaptação do indivíduo à sociedade, já que é pela herança cultural que a comunicação se instaura. Não apenas pela linguagem, mas também por seu comportamento, os indivíduos assumem determinada identidade, construída a partir da cultura.

Ao lado da cultura, tem-se o conceito de identidade. Para Hall (2006), a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (p. 13). A cultura e a identidade são construídas no processo histórico das pessoas, pois cabe a elas dizer se pertencem a dado grupo social ou não. O pertencimento cultural é, assim, algo individual, pois passa por ressignificações e construções. De acordo com Frai, Seide (2015, p. 45)

Cada sociedade possui sua própria relação com a identidade, ela é entendida como o reconhecimento do ser nele mesmo, um ser único com um nome, sexo, filiação, que está situado em um determinado espaço e lugar. Cada cultura utiliza o conceito de identidade conforme os valores da sua sociedade, dessa forma, surgem o conceito de identidade cultural.

É importante lembrar que, quando se fala em cultura na Amazônia, busca-se entender um processo histórico que está intimamente ligada à colonização europeia, que escravizou e dizimou populações indígenas; também ao período áureo da Borracha, com a construção de grandes e belos monumentos históricos, bem como está relacionada, historicamente, à migração de nordestinos também decorrentes desse período. e, principalmente, à simbologia indígena que reflete na língua, na culinária, nos ritos, nos desenhos, dentre outros.

A cultura amazonense e as suas expressões estão, desse modo, relacionadas a tradições no âmbito indígena e diversos elementos como o colonizador, o indígena, o caboclo e o imigrante nordestino.

Parte-se do pressuposto de que o léxico empregado nas músicas representará algumas dessas categorias, permitindo um reconhecimento do amazonense de termos próprios de sua realidade sociocultural, de sua identidade.

3. APRESENTANDO INVENTÁRIOS PUBLICADOS: OS DICIONÁRIOS DE TERMOS AMAZÔNICOS E AMAZONENSES

Para a análise desta pesquisa, foram utilizados dois dicionários de termos amazônicos e amazonenses.

O primeiro dicionário utilizado foi o *livro Amazonês – Expressões e termos usados no Amazonas*, de Sérgio Freire (2011), que traz diversos termos utilizados no Amazonas, sendo alguns de pouco uso hoje em dia e outros ainda presentes no falar cotidiano do amazonense. Freire (2011) é um homem apaixonado pelo Amazonas, deixa isso claro nas primeiras linhas do seu livro: “a paixão pela ciência, a paixão pela linguagem e a paixão pelo Amazonas” (p. 9). No prólogo do dicionário, o autor explica a influência de diversas culturas no falar amazonense, ocorridas, principalmente, com o grande crescimento da borracha no século XIX; esclarece também a influência indígena em diversas palavras, a exemplo de *igarapé*, *igapó* e *bubuia*. Em seguida, apresenta as reflexões pedagógicas a respeito do dicionário, mostrando que ele vem como reunião do falar amazonense, sendo impossível entrar em uma concepção fonética e sintática.

O interessante, nessa parte inicial do livro, é que o autor trabalha com conceitos de língua, discurso, falar e linguagem ligados diretamente à Sociolinguística. Em relação ao *corpus*, é preciso ressaltar alguns pontos importantes: “no aspecto discursivo, podemos afirmar que existem duas principais atitudes em relação ao falar amazonense: uma atitude de identificação positiva e uma de identificação negativa. Mostra que o falar amazonense, falar caboco, tem uma longa linha histórica começado com o início do Ciclo da Borracha (1942-1945) e a migração de nordestinos para o Amazonas com o desejo de melhoria de vida. Por fim, o autor finaliza esta parte introdutória com os resultados da sua pesquisa e com uma forma de intervenção na linguagem local, dizendo ser “[...] necessário a ampliação de visão metodológica para o trabalho com a linguagem” (p. 22). Entende-se, aqui, que Freire destaca a necessidade de mais trabalhos que busquem registrar a realidade linguística do Amazonas, como forma de reconhecer e divulgar a identidade e a cultura desse estado, desse povo.

O segundo dicionário utilizado, neste artigo, é o *Dicionário Amazônico de termos, abusões e verbetes*, do autor Heraldo Jeferson de Souza (2012), que, apesar de não ser formado na área das Ciências Humanas (é médico), faz uma introdução mostrando as características do homem amazônico, com destaque para as origens de algumas

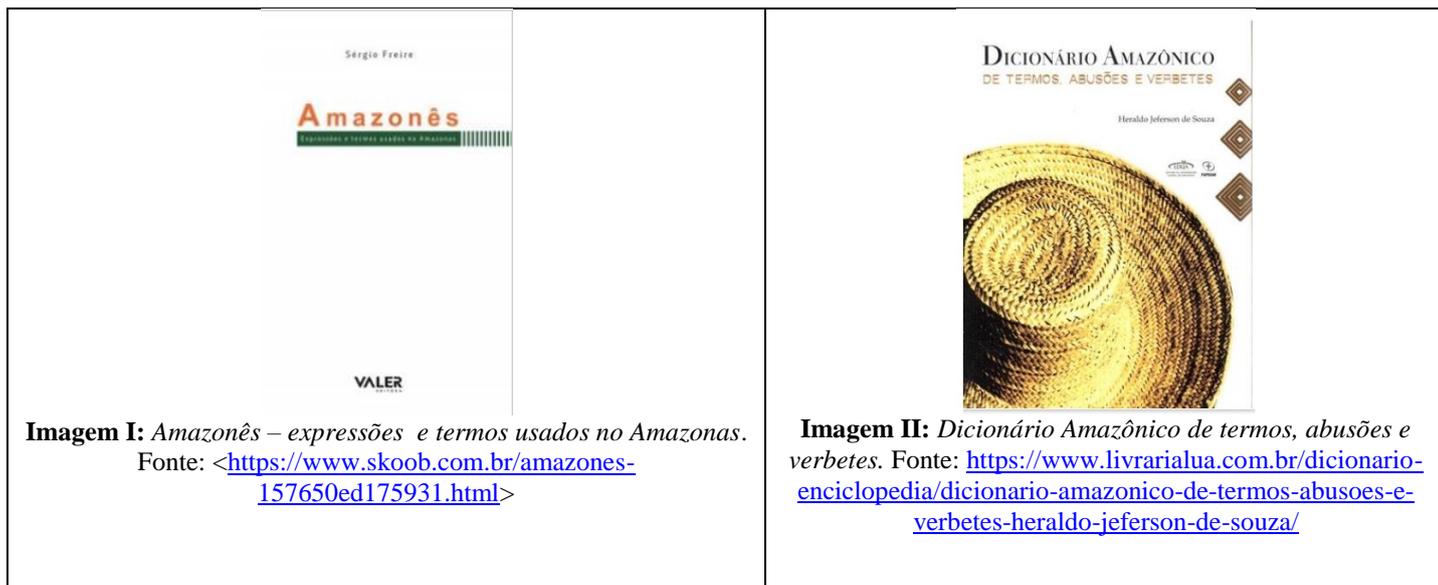
palavras. Ainda na parte inicial do dicionário, faz um breve relato sobre alguns termos utilizados em outros municípios, demonstrando como o povo amazônico é uma reunião de vários léxicos, cujas palavras vêm da etimologia do tupi clássico, tupi-guarani e nheengatu⁴, ou do português, ou outra. O autor não utiliza trechos específicos de nenhum outro autor para conduzir a sua linha de pesquisa. Ao referir-se à linguagem tira as seguintes conclusões:

Atestamos que essa linguagem ainda não está arrumada, pronta, e sim, em processo de formação, o que é perfeitamente compreensível quando percebemos o que é perfeitamente compreensível quando percebemos que o próprio homem amazônico ainda está em processo formativo. (Souza, 2012, p.11)

As observações do autor como viajante (trabalhando em regiões onde índios estão isolados do homem branco) ao longo de alguns municípios do Amazonas tornam-se relevante para que se compreenda o significado de expressões que são encontradas também em outras regiões do país que são diferentes. Por fim, é necessário ressaltar que o autor faz uma divisão em seu livro sendo a primeira parte “o consulente deparar-se-á com termos da linguagem do caboclo amazônico, jargões, e abusões desses povos”, e a segunda parte com “verbetes tupi do ramerrão-cotidiano amazônico, sem ser prolixo, quase poético, e sem tender para a vulgarização, como eu gostaria de ter encontrado em outro autor” (p. 15)

A proposta é usar tais dicionários para comparar os significados dos termos neles presentes e dos que foram encontrados e selecionados na música.

⁴ “O Nheengatu, também conhecido como Língua Geral da Amazônia⁴ (LGA), uma forma adaptada do Tupi-Guarani, foi o “[...] idioma predominante na ocupação portuguesa da Amazônia, nos séculos XVIII e XIX” (RODRIGUES, 2006, apud JUSTINIANO, 2012).



4. O REGIONALISMO PRESENTE NA MÚSICA POPULAR AMAZONENSE (MPA)

Será detalhada, nesta seção, a análise das músicas selecionadas para esta pesquisa. Foram escolhidas seis músicas de bandas locais, muito conhecidas na cidade de Manaus, e uma música de um cantor também de grande reconhecimento do público quando a questão é o aspecto cultural do amazonense, a saber: bandas Alderia, Alaidenegão, Cabocrioulo e República Popular. O procedimento de análise, de cunho qualitativo, resume-se às seguintes etapas: construir quadros que categorizem esse léxico a partir dos seguintes aspectos: denominações referentes à região, termos que revelem a identidade amazonense, expressões próprias da região, denominações ao amazonense, valorização da cultura local. Antes, foi preciso fazer um levantamento bibliográfico sobre a relação língua e cultura, com foco no estudo do semântico-lexical.

Durante a análise, percebe-se como cada música faz uma marcação de identidade que se pauta na questão indígena ou em algum momento da história de colonização ou exploração econômica do estado.

a) A BANDA ALDERIA



Figura 2: Banda Alderia. Fonte:
<https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/alderia-lanca-novo-single-em-comemoracao-aos-348-anos-de-manaus>

É de suma relevância ressaltar que não foi possível achar uma biografia da banda, deixando quase inacessível o nome dos integrantes. A primeira música escolhida dentro dessa temática regionalista foi a música da banda Alderia que tem um ritmo rock alternativo, com influências de Caetano Veloso, Jorge Ben Jor e The Beatles. A música *Manaus* é de composição da própria banda.

Lembro quando eu te vi
Alto do avião, cidade da ilusão
Caberia um sonho clandestino?
Tuas ruas complicadas foram o meu divã
Em cada uma das manhãs
E de tantos outros como eu aqui sozinhos
O calor que transa a luz e faz a tarde azul rosada
O talento bruto oculto, clubes mil das madrugadas
E o som do alaíde me indicaram um norte, na ilha dos manauaras
Vamos dançar na chuva celebrando o verão
As tuas águas me tornam mais são
Manaus, as tuas luzes são estrelas na escuridão
O olho do homem na herança virgem da criação
Banhado no sol que me lambe
Como ao filho felino, vou pela Constantino
Descobrimo os grafites dos muros
Lembrando que o tempo foi justo
Quando aqui me jogou, como és parte do que eu sou
Em minhas veias corre sangue de índio
E vejo florescer de ti em plena selva industrial
Gente tanta, gente foda como nunca vi igual
Meu amor por ti tem o gosto de uma das frutas
Que só brotam do teu quintal
Vamos dançar na chuva, celebrando o verão

As tuas águas me tornam mais são
Cidade onde as luzes são estrelas na escuridão
O olho do homem na herança virgem da criação

Tabela A1: *Manaus*. Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/alderia/manaus/>>

A música foi lançada no aniversário de Manaus (348 anos) com o intuito de ressaltar e valorizar as qualidades da cidade, citando localidades e características próprias da capital amazonense. É possível observar um contexto histórico nessa letra, por exemplo, as expressões “cidade da ilusão” e “caberia um sonho clandestino?” remetem à migração dos nordestinos no período histórico do Ciclo da Borracha para a região norte em busca de condições melhores de vida ou em busca de riqueza. Semelhante situação histórica ocorreu também no período de estreia da Zona Franca de Manaus: pessoas de outros estados vinham para cá procurando trabalho, moradia e segurança. Outro ponto notável na música é “o talento bruto oculto, clubes mil das madrugadas”, que faz uma menção ao movimento literário no Amazonas, o Clube da Madrugada, que tanto contribuiu para o desenvolvimento das artes no estado, principalmente, da literatura. É um movimento pouco visto no âmbito escolar e pouco divulgado pela mídia local; talvez, por isso, encontremos no decorrer da música a palavra *oculto*.

É descrito também o clima que é tipicamente tropical, “dançar na chuva celebrando o verão”, porque, na cidade manauara, as chuvas de verão são recorrentes. A música, por celebrar o aniversário da cidade, demonstra, claramente, uma paixão pelo orgulho amazonense⁵: “em minhas veias corre sangue de índio”, “as tuas águas me tornam mais são”. Em especial, nesta música do Alderia, ressalta as qualidades sobre a cidade, características históricas, a paisagem amazônica. Percebe-se um sentimento de pertencimento e ligação cultural com a cidade; a música tem um típico som amazonense⁶ na melodia.

A banda Alderia não produz músicas que retratam a cultura local, mas, em especial, essa música traz pontos importantes sobre a cidade, demonstrando que não somos uma cidade atrasada nos costumes, mas temos própria cultura, literatura.

Em relação ao levantamento semântico-lexical, destacamos os vocábulos e expressões apresentados no quadro abaixo, que representam a variação diatópica/regional amazonense:

⁵ A relação entre o índio e a natureza é um dos aspectos que estão ligados a essa cultura amazonense.

⁶ Instrumentos que produzem o som da chuva, o barulho dos pássaros, o som da floresta.

Banda/Música	Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais				
	Região do Amazonas ou capital Manaus	Identidade amazonense	Termos próprios do Amazonas	Denominações ao Amazonense	Valorização cultural
Alderia/Manaus	“cidade da ilusão”, “ilha dos manauaras”, “Manaus, as tuas luzes são estrelas na escuridão” “vejo florescer em ti em plena selva industrial” “cidade onde as luzes são estrelas na escuridão”; “as tuas águas me tornam mais são”; “o calor que transa a luz e faz a tarde azul rosada” “vou pela Constantino;/ Descobrimo o grafite nos muros”	“vamos dançar na chuva celebrando o verão”; Em minhas veias corre sangue de índio”	clubes mil das madrugadas	“Em minhas veias corre sangue de índio”	“o talento bruto oculto, clubes mil das madrugadas”; “tuas ruas complicadas foram o meu divã”,

TABELA A2: Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais da Banda Alderia, na música Manaus.

Verifica-se que, como a música foi composta em ocasião ao aniversário da cidade, prevalecem as expressões que fazem referência à capital amazonense. Na leitura da música, percebe-se a presença de um termo que serve tanto para marcar a identidade quanto para denominar as pessoas que nascem no Amazonas: o índio, herança cultural comprovada nas diversas etnias que ainda existem nas regiões do Alto Solimões e Alto Rio Negro. Destacam-se ainda os termos ilusão e selva industrial que retratam os períodos de auge econômico da cidade: o período áureo da borracha e a Zona Franca de Manaus. Muitas pessoas de outras regiões e outros países vieram para cá a fim de buscar riquezas com a prosperidade financeira dessas épocas. Manaus é conhecida como a cidade do sol, do calor, da ilha que movimenta milhões de pessoas e negócios.

b) A BANDA ALAIDENEGÃO



Figura 3: Banda Alaidenegão. Fonte: <https://www.portalmarcossantos.com.br/2018/09/05/spam-celebra-com-alaidenegao-em-sao-paulo-a-musica-amazonense-e-promove-intercambio-de-artistas-nesta-quinta/>

A banda, de maneira geral, traz em suas letras um regionalismo muito presente, sempre ressaltando um aspecto geral sobre a cidade de Manaus.

A banda nasceu no carnaval de 2008, com uma “fusão entre música, filosofia e baixarias”, sofre influência do brega ao rock, samba ao carimbó e outros ritmos regionais, conforme o site oficial da banda. A banda, em 10 anos de existência, já percorreu algumas cidades do Nordeste e sempre participa dos eventos de música na capital do Amazonas, como por exemplo, o Festival Cauxi e Até o Tucupí. Fora da cidade já participou de: *Noite Fora do Eixo* (Boa Vista- RR); *Reveillon* (Ilha de Algodual-PA, Alter do Chão-PA); *O Bagulho é nas Alturas* (Olinda-PE); *Festival de Jazz e Blues* (Guaramiranga-CE); *21º Encontro da Nova Consciência* (Campina Grande-PB).

A primeira música desta banda escolhida para análise foi *Cadê a Morena*.

Cadê a morena, morena me deixou
Deu uma tapa na minha venta e depois me abandonou
Cadê a morena, morena ninguém viu
Estrela da sorte bem do norte do Brasil
Comeu Jaraqui, farinha com baião
Comeu açaí, daqui não sai mais não
Comeu Jaraqui, farinha com baião
Comeu açaí, daqui não sai mais não
Nem com nojo, moleque doido. Nem com nojo, você não sai mais não
Igarapé do quarenta, quarenta graus
Lá eu descobri que ela mudou de Manaus

Atravessou a ponte, foi pra Iranduba
Agora da plantão lá no bar da viúva

Tabela B1: Cadê a Morena. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/alaidenegao/cade-a-morena/>>

A música traz costumes tipicamente amazonenses, por exemplo, “Comeu Jaraqui”, “Comeu açaí”. E também palavras e expressões características da região como “venta”, “nem com nojo”, “moleque doido”. Apresenta ainda a ênfase na repetição de um advérbio de negação “você não sai não”, de particularidade morfossintática do amazonense, advérbio de negação repetindo com intuito enfático. Cita Manaus e a construção da nova ponte que interliga Manaus – Iranduba.

Outro aspecto típico amazonense mostra-se no verso “Nem com nojo, moleque doido. Nem com nojo, você não sai mais não”. Para Freire (2011), a definição de *nem com nojo!* equivale ao “Tem mil!”, uma expressão que apresenta aspecto de negação: não, jamais, nunca; “moleque doido” é uma forma de falar amazonense usada para chamar aquele com quem se deseja dialogar, mas um significado depreciativo. Reunindo essas definições ao critério de regionalidade, pode-se concluir que

o critério de regionalidade deve pois abarcar tudo aquilo que traz a marca do regional como uma forma do particular. A regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional (PEZANATO, 1974, P. 20).

A regionalidade impressa ao longo da música reúne ideias de marca identitária do amazônida: “venta”, “nem com nojo” e “moleque doido” compõem um léxico da realidade sociocultural do Norte do Brasil e, particularmente, daqueles que convivem com a cultura cabocla, ribeirinha e indígena.

A segunda música selecionada foi Ayuasqueiro.

Plantava coca no Ucaialy e refinava em Cruzeiro
Pacato no Brasil era um indígena
E na Colômbia um guerrilheiro
Voltando de Rondônia ele virou
Ayuasqueiro, ayuasqueiro
No sonho um menino ensinou
Fazer feitiço, pajé guerreiro
Plantava coca no Ucaialy e refinava em Cruzeiro
Pacato no Brasil era um indígena
E na Bolívia um engenheiro
Voltando de Rondônia ele virou
Ayuasqueiro, ayuasqueiro
No sonho um menino ensinou
Fazer feitiço, pajé guerreiro
Yasú yapurasí kuxiyawara!

Tabela B2: Ayuasqueiro. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/alaidenegao/ayuasqueiro/>>

A música Ayuasqueiro mostra um novo léxico, já que o vocábulo do título palavra não tem uma etimologia na língua portuguesa. A música conta a história de um homem que plantava coca no Ucaialy, região localizada no Peru, que faz fronteira com o Acre, e a refinava em Cruzeiro, provavelmente, em Cruzeiro do Sul, região localizada no estado do Acre.

O personagem da música vira um “Ayuasqueiro”. Trabalhando o sentido dessa expressão, percebemos uma possível ligação com a palavra “Ayusca” que, segundo o dicionário de termos amazônicos de Souza (2012), significa:

Atribuição que peruanos, bolivianos, equatorianos e colombianos dão ao caapi, iagé ou lami Caapi e lami, designação de indígenas do Alto Solimões onde encontramos esse cipó em rituais indígenas durante nossas pesquisas. (SOUZA, 2012, p.29, com adaptações).

Para maior esclarecimento de caapi, foi encontrando o seguinte significado:

É uma planta de que se servem os índios de certas tribos que habitam territórios irrigados pelos afluentes do Amazonas (este do Equador, da Colômbia e do sul da Venezuela) para se darem uma embriaguez, seja agitada, seja letárgica, no curso do qual eles têm sonhos, aparições, e onde preveem o futuro, descobrem os inimigos, etc. (SOUZA, 2012, p. 219-220).

Com isso, chega-se à seguinte constatação: é um índio que tem o domínio de manuseio da planta alucinógena que, ao transportá-la para a Bolívia, na fronteira com o Acre, torna-se engenheiro porque vai refiná-la, industrializá-la; ao retornar para o Brasil, em Rondônia, volta a ser o indígena, que tem o poder da feitiçaria, o pajé que conhece o poder dessa planta alucinógena.

Feitiço, no dicionário de Souza (2012), está ligado diretamente a pajé:

Para o índio, toda a sua existência, em se tratando de vida ou de morte, gira em torno do xamanismo – O pajé é a figura imprescindível em uma tribo, palavra irrevogável, tudo o que o pajé fala é interpretado como verdade absoluta, o que prática, inconteste, ninguém deve refutá-lo; a etiologia da maioria das doenças é a feitiçaria, quadro mudado com o aparecimento das doenças é a nosologias advindas com o colonizador não resolvem com os remédios do mato, doença de branco só cura com remédio de branco, o resto é feitiço, e o pajé resolve (p.)

Então, os dois tipos de cipós produzem efeitos alucinógenos, muito usados por habitantes do Alto Solimões com diversas funções, sendo a mais conhecida o ritual que ocorre somente entre os homens da tribo.

Banda/Música	Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais				
	Região do Amazonas ou capital Manaus	Identidade amazonense	Termos próprios do Amazonas	Denominações ao Amazonense	Valorização cultural
Alaidenegão “Cadê a Morena”	“Igarapé do quarenta, quarenta graus”; “Atravessou a ponte, foi pra Iranduba”	Comeu Jaraqui Comeu açaí	“Deu um tapa na minha venta”; “Nem com nojo, moleque doido”		Comeu Jaraqui, farinha com baião/Comeu açaí não sai mais não”
Alaidenegão “Ayuasqueiro”		Ayuasqueiro; Yasú yapurasí kuxiyawara! Pajé guerreiro “Pacato no Brasil era um indígena”	feitiço	“Pacato no Brasil era um indígena”	

Tabela B3: Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais da Banda Alaidenegão nas músicas Cadê a Morena e Ayuasqueiro

Na primeira música analisada, percebe-se a identidade amazonense marcada pelas comidas típicas da região e por termos que são próprios do Amazonas: nem com nojo, moleque doido, termos para demarcar uma negatividade e um vocativo, respectivamente.

Na segunda música, a identidade é marcada pela nossa tradição indígena e pelo fato de as diversas etnias do estado serem consideradas guerreiras não somente porque lutam pela sua sobrevivência nas regiões de fronteiras, com a Colômbia, o Peru e a Venezuela, mas também por resistirem a longos processos de colonização, lutando por suas tradições, seus costumes e sua língua. O próprio termo *Ayuasqueiro* reforça isso.

c) A BANDA CABOCRIOULO



Figura 3: *Banda Cabocrioulo*. Fonte: <http://d24am.com/plus/artes-e-shows/cabocrioulo-grava-dvd-no-teatro-amazonas/>

A banda amazonense Cabocrioulo, nas palavras de Milton Cabocrioulo, vocalista da banda, é definida desta forma:

Surge em 25 de julho de 2005 em Manaus fazendo um rebuliço no cenário local. Com linguagem música própria, a banda não se encaixa apenas em um único estilo, ela preza pela mistura de ritmos como baião, afoxé, maracatu, reggae e funk, proporcionando uma sensação **musical** particular da banda, criando um som da floresta que não pode ser explicado, mas sim sentido (SITE OFICIAL DA BANDA).

A banda Cabocrioulo tem uma “regionalidade cabocla” e a “nacionalidade crioula”. Já lançaram dois CDs, sendo o primeiro ‘Percuteriaeletracústica’ e segundo ‘Afroregionalizando’. Em Março de 2018, a banda gravou o primeiro DVD. Em paralelo aos projetos da banda e shows ao longo do ano na cidade manauara, a banda faz parte de um projeto chamado ‘Amazônia Music Conspiração’, que é uma parceria com outras bandas para divulgação das músicas amazonenses em festivais e feiras pelo País. A banda já fez apresentações em festivais importantes no Brasil: Festival Varadouro (Rio Branco-AC); Domina Mundi (São Paulo-SP); TomaRRock (Boa Vista-RR); em Manaus, participou do Festival Cauxi, Grito Rock, Festival Pirão e Virada Cultural.

Oh! Grande pequena extensão
Uma parte do Brasil em evolução
Crescimento urbano e um verde se acabando

Onde empresários querem construir
 Gigantes prédios, ganhar dinheiro e fugir
 Fazer parcerias e se dar bem
 Em falando em se dar bem
 Ontem fui lá na praça e vi aquela menina que namora
 com aquele fulano sabe?
 Tava com um cara, me olhou de longe
 Ficou sem graça
 Pode deixar não falo nada
 Não sou desses, mas tem quem faça
 Num lugar onde o costume é de interior
 Todos sabem, ficam falando o que rolou
 Nada se esconde e tudo se viu
 Seja no bairro nobre ou onde passa o rio
 Manaus cidade grande costume de interior pequeno (3x)
 BR-319 sair ou sobressair
 Pensar no próprio crescimento
 Ou querer que o Estado cresça
 Decisões precipitadas mostram a real situação
 Nada de oi, tudo bem? como vai irmão?
 E digo mais: evolução na tecnologia e regressão nos
 valores morais
 Mas este lugar ainda é pacato
 É aqui que reina a paz da floresta
 E onde o sol continua a brilhar
 No coco, no coco, no coco do trabalhador caboclo
 Manaus cidade grande costume de interior pequeno (3x)

Tabela C1: *Manaus Cidade Grande, Costume de Interior Pequeno.* Fonte: <
<https://www.letras.mus.br/cabocrioulo/1224353/>>

O título da música já sugere que a capital amazonense, embora seja uma metrópole, ainda mantém costumes interioranos. Expressões como “Grande pequena extensão/Uma parte do Brasil em evolução” retrata o crescimento econômico da região com a criação do polo industrial e a exploração de matérias-primas da nossa flora amazônica. Tudo isso tem como consequência o “Crescimento urbano e um verde se acabando/Onde empresários querem construir” seus impérios, desmatando e destruindo os recursos naturais aqui existentes como uma forma de ganhar mais dinheiro. Com esse grande crescimento veem-se “Gigantes prédios, ganhar e fugir/ Fazer parceria e se dar bem”. Observa-se que a música retrata a exploração da cidade, fazendo uma crítica à exploração sofrida pela região, desde esse processo de industrialização.

Na segunda estrofe, o autor da letra comenta a história de uma moça que estava com seu amante na praça e, mais uma vez, mostra o que a cidade traz de peculiar: “todos sabem, ficam falando o que rolou/nada se esconde e tudo se viu”. Isso significa que, apesar de ser uma grande cidade, todos daqui se conhecem e comentam o que acontece na vida dos vizinhos, parentes e conhecidos. A última estrofe termina também com um leve tom de crítica aos

valores que tem sido perdidos pela cidade, mas com ênfase nos valores regionais e manauaras ainda mantidos pela população: “evolução na tecnologia e regressão nos/valores morais”, pois “este lugar ainda é pacato/É aqui que reina a paz da floresta/E onde o sol continua a brilhar”. É uma representação daquilo que a cidade tem de melhor; construindo, assim, uma concepção de que, mesmo com a exploração, aqui ainda é a cidade da calma, do sol, paz.

Banda/Música	Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais				
	Região do Amazonas ou capital Manaus	Identidade amazonense	Termos próprios do Amazonas	Denominações ao Amazonense	Valorização cultural
Cabocrioulo/ Manaus Cidade Grande, Costume de Interior Pequeno	“Oh! Grande pequena extensão/ Uma parte do Brasil em evolução/ Crescimento urbano e um verde se acabando/ Onde empresários querem construir/ Gigantes prédios, ganhar dinheiro e fugir/ Fazer parcerias e se dar bem/ Em falando em se dar bem”; “É aqui que reina a paz da floresta”; “Manaus cidade grande costume de interior pequeno”	Lugar pacato Lugar da floresta Sol continua a brilhar	Caboclo	“No coco, no coco, no coco do trabalhador caboclo”	Manaus cidade grande costume de interior pequeno Oh! Grande pequena extensão Uma parte do Brasil em evolução

Tabela C2: Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais da banda Cabocrioulo na música Manaus Cidade Grande, Costume de Interior Pequeno

Aqui, percebemos que as denominações para a região são as que mais prevalecem, justamente porque a música toca na grande riqueza que aqui se tem e muitos querem explorá-la. Isso acarreta a destruição do verde amazônico que cede lugar para a construções de grandes prédios. Na questão da identidade, destacamos o pertencimento a um lugar marcado pela floresta, pelo sol forte, pelo trabalho do caboclo. O Amazonas é conhecido como o lugar desenvolvimento, a grande metrópole no meio da floresta amazônica.

d) A BANDA REPÚBLICA POPULAR



Figura 4: Banda República Popular. Fonte: < <https://advertisingstage.com/republica-popular-faz-paralelo-entre-as-origens-da-cultura-amazonense-e-a-manaus-urbana-em-novo-disco/> >

A banda República Popular, originária de Manaus, vem mostrando uma nova cara para a música popular amazonense, com características regionais, e sempre mantendo uma relação lado a lado com outros artistas locais.

Em Setembro de 2015, lançou seu primo álbum, intitulado *Aberto para Balanço* com uma “influência regionalista típica dos músicos do norte do país”, conforme biografia da banda em site oficial. Em 2016, a banda lançou o segundo trabalho com influência de diversos gêneros musicais, intitulado *LIS*. Em 2017, houve o lançamento do single “Curió” com “três faixas inéditas que estarão no segundo álbum da banda: *Húmus*. Neste ano de 2018, a banda lançou um disco duplo com “fortes influências da MPB e música eletrônica” mas “alinhado às toadas e os sons típicos do Norte do país” (SITE OFICIAL DA BANDA).

A música escolhida foi *Amazônida*, composição de Igor Lobo.

sou dono das asas do sonho
velho cancioneiro
singrando meu rio
calmaria e banzeiro
orgânico inteiro
meu canto ecoa além-mar
e me faz sonhar em fazer
o mundo amazoniar
do húmus a, enfim, ser humano
sou mero tracejo
caboclo ameríndio
menino faceiro

orgânico inteiro
meu canto ecoa além-mar
e me faz sonhar em fazer
o mundo amazoniar
amazônida
do húmus a, enfim, ser humano

Tabela D1: *Amazônida*. Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=x1xdEGD7uBk> >

Essa música é peculiarmente diferente das outras canções apresentadas, pois há dois léxicos regionais que se destacam: o termo “amazônida”, presente no nome da música, é aquele que nasce/vive no Amazonas; e amazoniar (verbo) é um neologismo muito característicos nas toadas dos bumbás algo como fazer “o mundo amazoniar”, fazer o mundo conhecer e também ser Amazônia” (explicação dada pelo compositor). Sobre o título da música “Amazônida”, Souza (2012, p.22) diz que é “indivíduo que nasceu no Inferno Verde, designação literária da Amazônia dado por Alberto Rangel em um livro de contos com esse nome em 1908”.

Os versos da música resumem a paixão pela cultura local, orgulhando-se do título de caboclo, índio, amazonense, através dos versos: “sou dono das asas do sonho/velho cancionero/singrando meu rio/calmaria e banzeiro”. O segundo verso traz os seguintes vocábulos: *cancioneiro* que significa conjunto de canções, ou seja, esta busca pela composição, pela criação de novos versos; *singrando* que significa navegar, seguir caminhos das águas; e por fim, *calmaria e banzeiro*, antônimos que dão a imagem dos rios da Amazônia, que servem também de metáfora a imagem do caboclo, aquele que é sossegado em sua rede, mas que luta pela sobrevivência. Freire (2011), em seu dicionário, define *banzeiro* como: “pequena onda que se forma nos rios amazônicos causada pelo movimento dos barcos, semelhante à onda do amor”.

Na segunda estrofe, o cantor deixa claro o desejo que o “meu canto ecoa além-mar” que é fazer-se conhecido, e “e me faz sonhar em fazer/ o mundo amazoniar”. O eu lírico desejar sair, de deixar de ser húmus, que é uma matéria orgânica depositada no solo, responsável pela fertilização, e se tornar ser humano, ou seja, sofrendo um processo de metamorfose, um processo de transformação.

O sentimento de pertencimento e valorização da cultura amazonense é presente ao longo de toda música. Outros exemplos: “caboclo ameríndio”; esse termo, conforme Souza (2012) é indígena que nasceu no continente americano; “velho cancionero/singrando meu rio/calmaria e banzeiro” reflete um sentimento de pertencimento ressaltando elementos tipicamente locais. De forma alguma, a música tem um teor que denigre a cultura local, inclusive o clipe da música,

lançado em dezoito de outubro de 2018 na plataforma Youtube, ressalta ainda mais as características tipicamente amazônicas.

Banda/Música	Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais				
	Região do Amazonas ou capital Manaus	Identidade amazonense	Termos próprios do Amazonas	Denominações ao Amazonense	Valorização cultural
República Popular/Amazônida	“amazônida/do húmus a, enfim, ser humano”	Caboclo ameríndio Menino faceiro Amazônida Amazônia	“velho cancioneiro/singrando meu rio/calmario e banzeiro” “caboclo ameríndio/menino faceiro”	Amazoniar Caboclo ameríndio Menino faceiro	e me faz sonhar em fazer o mundo amazoniar amazônida

Tabela D2: Variação diatópica – Categorias Semântico-Lexicais da banda República Popular na música Amazônida

A música, assim como as anteriores, apresenta um léxico rico em termos de denominação à região e à identidade amazônica. Destaca-se o caboclo relacionado ao ameríndio, ou seja, somos uma mistura, o ribeirinho tem origem indígena, o caboclo não deve negar suas raízes étnicas. O verbo amazoniar, nessa análise, também merece atenção. É um termo que sintetiza a relação da Amazônia com outras partes do mundo, para o além-mar, como a música significa.

CONCLUSÃO

A análise das músicas serviu para mostrar que o léxico que retrata o regionalismo amazonense está sim presentes nas músicas de bandas e cantores locais. Embora tais bandas sejam ainda jovens, não deixam de enaltecer a história da população do Amazonas, de valorizar a cultura indígena, de cantar os costumes e tradições que são representados por termos próprios da nossa regionalidade.

As expressões descritas, ao longo do artigo, mostram a capacidade que o léxico de uma língua tem para representar sua cultura. Mesmo que uma pessoa não conheça o Amazonas, por meio dessas músicas, saberá que o amazonense tem raízes indígenas; que a nossa capital é uma grande e populosa metrópole; que vivemos momentos de ápice econômico, como a exploração da borracha e criação da Zona Franca de Manaus; que somos um povo da floresta, que comemos peixe e farinha; que, apesar do desenvolvimento, mantemos ainda costumes do interior; que vivemos em região de fronteira; que nos identificamos através de termos próprios, regionais. Tudo isso sem ler

livros para conhecer essa realidade; simplesmente, por ouvir as músicas e fazer uma análise dos termos empregados.

Ressalta-se um ponto específico na pesquisa que foi observado diversidade de palavras derivadas de Amazonas, não sendo possível lidar com todas as suas variações, mas sendo de extrema necessidade quantificar isso para pesquisas futuras. Concluimos, assim, que as músicas, das bandas locais investigadas, usam um vocabulário que é tipicamente amazonense, capaz de retratar a mística da cultura indígena e de valorizar a identidade amazonense diante das artes de outros estados. Precisamos, por isso, valorizar as composições musicais produzidas por artistas locais, pois a música ultrapassa barreiras geográficas e sociais e chega aos mais diferentes espaços e atinge a diversos públicos. É a forma, então, mais direta para valorizar e respeitar o regionalismo. Esperamos que o estudo feito possa despertar outras pesquisas, no curso de Letras, capazes de olhar para as artes, como a música, como uma forma de expressão que divulga a relação entre língua e cultura, como meio de se fazer um levantamento sociolinguístico

BIBLIOGRAFIA

Alderia. < https://www.facebook.com/pg/alderiaoficial/about/?ref=page_internal>. Acesso em 23 de Novembro de 2018.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*: São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

BIOGRAFIA DA BANDA CABOCRIOULO: <<https://www.bigdiadamusica.com.br/cabocrioulo>>. Acesso em 23 de Novembro de 2018.

CALVET, Louis-Jean, *Sociolinguística: uma introdução crítica*; tradução Marcos Marcionílio: São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete. *Sociolinguística*. Florianópolis, SC: UFSC, 2010. <http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto- Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>

FEITEIRO, Sandra Regina e SILVA, Socorro Cardoso. *Estudo da Variação Lexical na Amazônia Paraense; um olhar sobre o Atlas Linguístico do Brasil*. – Dissertação (Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Pará.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística. I. Objetos teóricos*. 6ª. ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

FEIRE, Sérgio. *Amazonês – Expressões e termos usados no Amazonas*: Manaus: Editora Valer, 2011.

GONÇALVES, Sandra M. Godinho. *O aspecto ideológico do léxico na fala do migrante amazonense*. Dissertação (Mestre o Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem) – Universidade do Estado do Amazonas – UFAM, Manaus.

ILHA, Carlos. *Música: uma formação para a vida*. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 1999.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – Alfarin*. Dissertação (Mestrado em Letras em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Amazonas – UFAM, Manaus.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*/William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso: São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*: 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SITE OFICIAL DA BANDA REPÚBLICA POPULAR: <<https://republicapopular.com/bio>>. Acesso 23 de Novembro de 2018.

SITE OFICIAL DA BANDA ALAIDENEGÃO: <<http://alaidenegao.tnb.art.br/>>; Acesso em 13 de Novembro de 2018.

SITE OFICIAL DA BANDA CABOCRIOULO: <<http://tnb.art.br/rede/cabocrioulobanda>>. Acesso em 13 de Novembro de 2018.

SOUZA, Fabiano Santos de. *Uma interpretação sociológica da música manauense*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus, AM. UFAM, 2018.

SOUZA, Heraldo Jeferson de Souza. *Dicionário Amazônico de termos, abusões e vertentes*. Manaus: Edua, 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TOMÁS, Lorena Maria Nobre. *Sou brasileira, sou caboquinha: uma análise discursiva da identidade da mulher amazonense através da música popular*: Manaus, AM. UFAM, 2012 <<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2374/1/lorena.pdf>>

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007 [1983]. p. 117-1 24. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/1114241/williams---cultura>